



TEXTO DIGITAL

Revista de Literatura, Linguística, Educação e Artes

Processos de (super/des/contra-) identificação online e produção de subjetividade no efeito-reação em redes sociais

Online (over/dis/counter)identification processes and production of subjectivity in reaction-effects on social media

Gustavo Haiden Lacerda^a; Luciana Cristina Ferreira Dias Di Raimo^b

^a Universidade Estadual de Maringá, Paraná, Brasil - gustavo.haiden@gmail.com

^b Universidade Estadual de Maringá, Paraná, Brasil - lcfdraimo@uem.br

Palavras-chave:

Discurso Digital.
Reações Online.
Ideologia. Processos
de Identificação.

Keywords:

Digital Discourse.
Online Reactions.
Ideology.
Identification
Processes.

Resumo: Neste artigo, buscamos estabelecer um vínculo entre o trabalho da ideologia com o funcionamento do imaginário na maneira como estão significando as reações nas redes sociais. Para isso, filiados à Análise de Discurso pecheuxiana (AD), dedicamo-nos a um apanhado teórico do conceito de identificação, partindo primeiramente dos trabalhos de Lacan (1996), e relendo essas definições com as lentes da AD, com base nos estudos de Pêcheux (1990; 1995) e Orlandi (1999; 2005), introduzindo as modalidades subjetivas apresentadas por Pêcheux (1995 [1975]): identificação, contra-identificação e desidentificação. Junto a isso, tecemos algumas palavras a respeito da noção de superidentificação sugerida por Žižek (2010; 2017). O objetivo é recuperar essas discussões teóricas com vistas a analisar os efeitos-reação enquanto modos de (contra/des/super)identificação dos sujeitos aos discursos a que se expõem nas mídias digitais, tendo por material específico de análise uma sequência de fotogramas de um efeito-reação no *Facebook*, acerca da pandemia de Covid-19, em 2020.

Abstract: In this paper, we aim at establishing a link between the operation of ideology and the functioning of the imaginary in the signification of reactions on social media. To do so, grounded on Pêcheux's Discourse Analysis (AD), we render a theoretical summary on the concept of identification, at first from Lacan's work (1996), and then re-reading those definitions through the lenses of AD, based on Pêcheux's studies (1990; 1995) as well as Orlandi's (1999; 2005), introducing the subjective modalities presented by Pêcheux (1995 [1975]): identification, counter-identification and disidentification. Besides that, we weave some words regarding the notion of overidentification as suggested by Žižek (2010; 2017). The aim is to recapture these theoretical discussions in order to analyze the reaction-effects as forms of (counter/dis/over)identification of subjects to the discourses they are exposed on digital media, presenting as a specific analytical material a sequence of photograms of a reaction-effect on *Facebook*, about the Covid-19 pandemic, in 2020.



Introdução

Uma marca constitutiva das redes sociais digitais são as reações, formas programadas tecnicamente e acionadas pelos usuários com vistas a curtir, comentar, retuitar, compartilhar, taguear etc. Nas diferentes plataformas, as reações se atualizam de maneiras específicas, com particularidades de funcionamento que temos investigado em nosso projeto de pesquisa. Este artigo apresenta um recorte dessa pesquisa, considerando a relação dos modos de reagir no *Facebook* a respeito de um evento controverso durante a pandemia de Covid-19 no Brasil, a saber, a invasão de um hospital por um grupo incitado por uma fala de Jair Bolsonaro.

Nosso objetivo não é analisar as condições de produção da fala de Bolsonaro propriamente, nem a invasão em si, mas compreender como essa fala e o evento decorrente foram significados em um “efeito-reação” que recortamos para a análise. Para os propósitos deste texto, chamaremos “efeito-reação” o movimento do sujeito no jogo discursivo das redes sociais, pelo qual se inscreve em determinada posição que é tornada visível pelo gesto de publicar. Consideramos um “efeito” por não tratarmos as reações como atos de vontade de um indivíduo livre e autônomo, mas como gestos simbólicos de um sujeito que é forjado no inconsciente e assujeitado pela ideologia. Esse jogo de reações alimenta a circulação dos sentidos nas redes sociais, efetivando seus efeitos; por isso “efeito-reação”. Ademais, o “efeito” é o encontro da técnica (ícones a serem clicados, pré-programados, roteirizados) e do discurso (silêncio, equívoco, falha, contradição), pela ideologia. Como explica Pequeno (2014), o ideológico está no âmago do técnico, pois “os dispositivos técnicos são ferramentas políticas”, uma vez que o “*modo de funcionamento da circulação do sentido* é a reprodução técnica de uma posição ideológica” (PEQUENO, 2014, p. 33, grifos do autor).

Buscaremos mostrar se e como as reações podem ser tomadas enquanto formas de os sujeitos-usuários materializarem efeitos de identificação a um discurso online, ou seja, observar os efeitos-reação como palco para o desenrolar de um jogo identificatório complexo, em que as reações (im)possibilitam a apreensão de uma posição para os sujeitos na produção de seus discursos. Não se trata de assumir a evidência empírica dos *likes*, por exemplo, como se clicar em “gostei” significasse, de fato, gostar de algo. O que

propomos é analisar o que as reações produzem em termos de efeito de sentido em uma teia de (contra/des/super) identificações.

Iniciamos por algumas considerações de ordem teórica a respeito do que estamos entendendo por identificação, em diferentes modalidades subjetivas de inscrição na e pela ideologia, retomando Lacan (1996), Pêcheux (1990; 1995) e Žižek (2010; 2017). Na sequência, apresentamos as análises, movimentando conceitos e procedimentos pertinentes à Análise de Discurso materialista.

Modalidades subjetivas no discurso: identificação, contra-identificação, desidentificação e superidentificação

Em uma visada discursiva, os sentidos e os sujeitos se produzem por meio de inscrições no discurso, em distintos processos identificatórios, donde decorre que temos a necessidade de significar o mundo ao nosso redor, de torná-lo apreensível, o que implica a produção de efeitos de sentido estáveis, determinados, delimitados. Um dos objetivos da AD é questionar a estabilidade dos sentidos, devolvendo a eles certa opacidade, não ultrapassando o nível imaginário, mas confrontando-se, ainda que de modo evasivo e fugaz, com o real. Real que marca a impossibilidade de totalização; real que retorna sempre e que certifica que não temos controle sobre os sentidos. Atestando, assim, que o sujeito não é origem de si, mas que se constitui, fragmentariamente, em um complexo de identificações com traços do Outro. Nessa medida, as palavras fazem sentido porque já foram ditas pelo Sujeito (Interdiscurso) e afetam inconscientemente o sujeito (assujeitado ao Sujeito).

Com base nisso, Pêcheux (1995) enxerga três possibilidades de relação do sujeito com o Sujeito da Ideologia, três modalidades subjetivas no discurso: adesão/reconhecimento (identificação), questionamento (contra-identificação) e revolta (desidentificação). Acrescentamos ainda uma outra forma de relação do sujeito com a ideologia, que é a superidentificação, tal como na proposta de Žižek (2017).

Para tanto, será necessário tecer considerações sobre os diferentes processos pelos quais se passam as relações de identificação dos indivíduos com o Sujeito, que representam diferentes modalidades de captura do sujeito em seu processo de assunção de uma

identidade, que colocam em cena diferentes modos de subjetivação e de inscrição em uma ordem simbólica histórico-social.

Sobre a identificação

Para a psicanálise lacaniana, a identificação é o processo pelo qual o sujeito se constitui imaginariamente como um “eu”. A isso Lacan (1996) denominará o “engodo da identificação”, que está na base da constituição subjetiva: o engodo é supor-se no lugar do Outro, diametralmente oposto. Em outras palavras, a identificação permite uma relação do sujeito com o exterior, estabelecendo um “fora” e um “dentro” (LACAN, 1996, p. 100). Instaure-se um efeito de unidade, ilusão narcísica, para dar conta de fragmentos, que serão atestados a cada identificação do sujeito com traços do Outro, num processo interminável.

Mas almejamos aqui, do lado da AD, apreender a identificação enquanto processo que se estabelece também via discurso. Pêcheux (1995) aponta para esse caminho ao explicar o interdiscurso, como o esquecimento que determina os sentidos para o sujeito, por aquilo que já foi dito antes, independentemente e em outro lugar. Remetido à memória discursiva, estratificada em diferentes formações discursivas, é que o sujeito se estabelece. Segundo Pêcheux (1995), o sujeito se constitui ao identificar-se com os saberes da formação discursiva que o domina. Ou ainda,

a interpelação do indivíduo em sujeito de seu discurso se efetua pela identificação (do sujeito) com a formação discursiva que o domina (isto é, na qual ele é constituído como sujeito) (...) essa identificação, fundadora da unidade (imaginária) do sujeito, apóia-se no fato de que elementos do interdiscurso (...) que constituem, no discurso do sujeito, *os traços daquilo que o determina*, são re-inscritos no discurso do próprio sujeito. (PÊCHEUX, 1995, p. 163, grifos do autor).

Isso significa que se identificar implica a filiação a uma rede de sentidos anteriores e alheios (de outrem), aderindo a tais sentidos. Um exemplo típico dessa modalidade de subjetivação por adesão, no espaço digital, seria o do militante que reproduz “as palavras de ordem” de um dado grupo com o qual se identifica, para sustentá-las como argumentos em seu discurso, identificando-se com a eficácia dos saberes circunscritos pela forma-sujeito, assumindo o papel do sujeito-enunciador, senhor soberano das razões que o apresentam como sujeito.

Para pensarmos em termos discursivos, podemos introduzir a noção de formações imaginárias (PÊCHEUX, 1997 [1969], p. 82), que são as posições assumidas pelos sujeitos no discurso, funcionando como projeções imaginárias (as imagens que os interlocutores fazem de si, do outro, do referente...). Interessa-nos, de modo particular, notar que esse complexo de imagens relaciona o sujeito e o outro, em um jogo de forças: há o outro no um; o diferente dá horizonte ao mesmo. As formações imaginárias, argumenta Pêcheux (1997), asseguram-se em discursos já-ditos e já-ouvidos (mas esquecidos), ou seja, no interdiscurso, convocando saberes dessa exterioridade constitutiva; convocando o discurso-outro no dizer do sujeito¹.

Essa interferência constitutiva da alteridade na identidade é atualizada nos processos de identificação em referência a distintas filiações de memória e não outras, as quais constroem, no discurso, posições para os sujeitos e, a partir dessas posições, os sentidos se inscrevem heterogeneamente. Consoante Orlandi (1999, p. 60), é trabalho do analista “explicitar os processos de identificação pela sua análise”, considerando que “falamos a mesma língua mas falamos diferente”, em múltiplas relações do sujeito com a memória.

Ainda a propósito da identificação, Pêcheux (1995, p. 265) explica que é identificando-se imaginariamente com a formação discursiva (FD) que o sujeito (que se assume como “eu”) se confronta com o “ajustamento sempre inacabado do sujeito consigo mesmo”, atualizada na formulação do discurso (intradiscurso), pelo esquecimento enunciativo, através do qual acredita escolher as palavras (e os sentidos) que melhor convêm. E acrescenta: “a identificação imaginária é (...) dependente da questão da identidade (fundamento da imputação e da responsabilidade) e, por isso, toca no simbólico ao remeter ao nome próprio e à lei” (PÊCHEUX, 1995, p. 265). Disso resulta a “colagem” do sujeito à forma-sujeito do discurso, isto é, à fixação da evidência da causa de si e dos sentidos. É assim que o sujeito se reconhece como “homem”, “pessoa humana”, organizando sua relação consigo e com os outros em sociedade. Processo que se dá

¹ É importante trazer uma observação feita em nota por Orlandi ao traduzir o texto de Pêcheux (1997). A pesquisadora comenta que é fácil se enveredar por um caminho que enxerga as formações imaginárias pelas lentes de um psicologismo, como se fosse possível controlarmos os sentidos na condição de falantes-estrategistas; cairíamos na ilusão do *eu*, podendo parecer que temos acesso ao imaginário. Essa crítica é fundamental, porque indica que não se trata de captar o inconsciente ou formalizar o imaginário. O intuito é acompanhar os movimentos da relação do sujeito com o outro e seu discurso, sem pretensões de sistematização de um processo que apresenta matizes próprios a cada atualização em discurso. Orlandi segue afirmando que nesse momento de sua obra, ainda incipiente, Pêcheux foracluiu a Psicanálise, pelo que “prestará contas” e proporá retificações em trabalhos futuros.

também pela via da interpelação ideológica, tornando o sujeito reconhecível, identificável: “é ele!”.

À modalidade subjetiva que assume como tal esse processo de identificação-interpelação na forma-sujeito em determinado estado na história, Pêcheux (1995) denomina “bom sujeito”. Este é o que superpõe o enunciador ao sujeito universal, que se assujeita livremente ao tomar uma posição, refletindo o Sujeito (da Ideologia) e aderindo à FD dominante. Esse assujeitamento se dá no interdiscurso, que “determina a formação discursiva com a qual o sujeito, em seu discurso, se identifica, sendo que o sujeito sofre cegamente essa determinação, isto é, ele realiza seus efeitos ‘em plena liberdade’” (PÊCHEUX, 1995, p. 215). Identificação essa também lacunar, falha, nunca completa como próprio da subjetividade, conforme Pêcheux (1995 [1979]) retificará em *Só há causa daquilo que falha*.

Sobre a contra-identificação

Dessa forma, temos de considerar, ainda com Pêcheux (1995 [1979], p. 301), que o ritual ideológico não é um maquinário infalível, uma vez que “não há ritual sem falhas; enfraquecimento e brechas”. Desse modo, questionando as comandas de uma formação discursiva, o sujeito se contra-identifica à forma-sujeito, permitindo-se o desconforto da tomada de posição que faz corte com o sujeito universal. Produz, assim, separação, questionamento, contestação. É um germe de revolta pela luta contra a evidência ideológica, revertida em seu próprio terreno. É, portanto, “contra-discurso”, ou seja, discurso que questiona a identificação à FD imposta pelo interdiscurso. Mas ainda em estado de “germe”, porque, embora a “matéria prima” da rejeição esteja ali, a resistência se dá espontaneamente, presa ao nível da evidência, não havendo, então, apropriação da reversão ideológica.

Avançando nessa compreensão do contra-discurso, Indursky (2008) acrescenta que, na instância do “mau sujeito”, ocorre uma distanciação entre a tomada de posição (posição-sujeito) e a forma-sujeito da formação discursiva. Dito de outro modo, os saberes da FD são colocados em dúvida por meio de uma identificação parcial, que instaura a diferença. A contra-identificação resulta da compreensão de que as FDs são porosas, heterogêneas em relação a elas mesmas, pois convocam os sentidos das fronteiras com as demais FDs (ORLANDI, 2005). Não se trata, no contra-discurso, nem de reduplicação dos saberes,

nem de ruptura ainda. Também Beck e Esteves (2012) discutem o “mau sujeito”, afirmando que, nessa modalidade, há uma contra-identificação ao Sujeito (no sentido de Althusser), por meio da qual o sujeito tenta se revoltar, mesmo que ainda siga reafirmando a hegemonia da FD dominante.

É importante, no entanto, destacar que não se trata de um simples antagonismo entre o “bom sujeito” e o “mau sujeito”. Opera-se uma fragmentação na forma-sujeito, e tais “estilhaços” apontam para mais que do simplesmente “bons” e “maus” sujeitos. Há, conforme Indursky (2008), unicidade e divisão. São diferentes modalidades subjetivas em contradição no interior da forma-sujeito, argumenta Pêcheux (1995, p. 216), pois, aceitando ou rejeitando esta ou aquela FD, o sujeito está posto em determinação pelo interdiscurso. Em outras palavras, nunca nos apartamos do interdiscurso, porque, na verdade, nunca estamos completamente livres da ideologia. A contra-identificação a um discurso *x* encaminha-nos a uma nova identificação, agora a um discurso *y*: sempre em falta, (contra)identificamo-nos em um *continuum*, sem jamais chegar a um ponto de síntese. Não há, então, produto final e acabado da (contra)identificação, que permanece sendo um funcionamento da relação do sujeito consigo – em sua unidade imaginária – e com os outros.

Sobre a desidentificação

A terceira modalidade discursiva do funcionamento subjetivo é denominada por Pêcheux (1995, p. 270) “desidentificação”. Para o autor, desidentificar-se significa desestabilizar a eficácia da ideologia, causando uma “repercussão”, uma ruptura com as coordenadas ideológicas. Nos termos do filósofo francês,

A desidentificação (e as tomadas de posição não-subjetivas que dela resultam) se efetua, paradoxalmente, no sujeito, por um processo subjetivo de apropriação dos conceitos científicos (representação da necessidade-real na necessidade-pensada), processo no qual a interpelação ideológica continua a funcionar, mas, por assim dizer, contra si mesma. (PÊCHEUX, 1995, p. 270).

Desidentificar-se é uma “tomada de posição não-subjetiva”, isto é, que não se esgota no sujeito, o que não significa que não haja sujeito ali. Ao contrário, o que a desidentificação representa é um deslocamento/transformação da e na forma-sujeito e não sua anulação. Ela “desvincula os objetos-coisas da objetividade do processo, a substância e o sujeito da causa” (PÊCHEUX, 1995, p. 274), dando margem para lutarmos contra as causas que nos

determinam, sendo parte crucial da prática teórico-política do materialismo, segundo o autor.

Nessa terceira modalidade, a ideologia funciona ao revés, “contra si mesma”, desarranjando e rearranjando os saberes das FDs (PÊCHEUX, 1995, p. 217), em um processo de apropriação subjetiva (ciência e prática política de tipo novo). É da ordem do acontecimento discursivo.

Se a identificação representa adesão do “bom sujeito” ao Sujeito e a contra-identificação, o questionamento do “mau sujeito” frente ao Sujeito, a desidentificação, sugerem Beck e Esteves (2012), é a prática política transformadora do “feio sujeito”, isto é, aquele que “goza” da/na eficácia ideológica, em desafio às suas leis. Para os autores, o “feio sujeito” perturba os saberes da FD ao contestar os sentidos em dominância e reivindicar outros. Ao olhar de frente para a ideologia, pela via da desidentificação, o sujeito subverte as coordenadas do Sujeito e faz revolução. O que ressoa mais uma vez em Pêcheux (1995, p. 230), ao afirmar que a desidentificação deve levar a uma transformação subjetiva da submissão a um certo sentido.

Contudo, nenhum sujeito se estabelece (fixa-se) nessa terceira modalidade, o que a caracteriza como um ponto em um processo contínuo. Pêcheux (1995, p. 230) explica que a desidentificação é um momento de irrupção e não um “local” de permanência, o que a tornaria um espaço de conforto e não de subversão. Com efeito, desidentificar-se a uma FD é expor-se ao desconforto de sentidos ainda não realizados, o que inevitavelmente conduz a outra identificação, posto que não se vive fora da ideologia. É um jogo que se joga de dentro. Conforme Indursky (2008), a desidentificação opera uma transformação da forma-sujeito na e da FD, de maneira que não significa a liberdade nem a autonomia, mas um espaço de manobra do sujeito, tendo em vista que nunca se aniquila a ideologia.

De nossa parte, entendemos que, contestando um saber estabelecido, o sujeito pode confrontar-se com ele (contra-identificação) e, eventualmente, deslocar-se dele (desidentificação) rumo a uma outra formação discursiva, em uma nova identificação a outro saber estabelecido ou em estabelecimento. De maneira esquemática, o processo seria:

→ Identificação 1 → Contra-identificação → Desidentificação → Identificação 2 ..., sendo a desidentificação algo de qualidade singular.

Essa visão é corroborada e aprofundada por Indursky (2008), que distingue duas formas de desidentificação: (i) de uma forma-sujeito para outra forma-sujeito existente; (ii) de uma forma-sujeito para outra forma-sujeito ainda em fase de constituição. Nesta última, segundo a pesquisadora, reside o “acontecimento discursivo”, na qualidade de desidentificação revolucionária, que dará origem a uma nova formação discursiva a partir de um rompimento com a anterior.

Indursky (2008) faz a importante ressalva, no entanto, de que nem todo deslocamento de sentido representa uma desidentificação à forma-sujeito da FD, ou seja, nem todo deslocamento configura-se como acontecimento discursivo. De acordo com a autora, um deslize de sentido instala a diferença na FD, mas não necessariamente rompe com os saberes dela. Sendo assim, propõe uma distinção entre duas formas de acontecimento: enunciativo e discursivo. O primeiro alinha-se à contra-identificação à posição dominante, que contesta certos saberes e rompe com determinadas posições-sujeito, como uma divergência que se estabelece no interior de uma mesma FD, causando estranhamento e recusa. O segundo acontecimento, propriamente discursivo, é de ruptura com a forma-sujeito e está na base da realização de sentidos que antes eram “impensáveis”. Quando não há esse desligamento com a forma-sujeito, mas somente a instauração da heterogeneidade dentro de uma FD e a inscrição de uma nova posição (um novo modo de enunciar), estamos diante de um **acontecimento enunciativo**. Quando há a saída de uma FD que não suporta mais as posições desse sujeito que se produz numa nova forma (nova forma-sujeito) e por meio de outros saberes, presenciamos a irrupção de um **acontecimento discursivo**. Ambos os acontecimentos, porém, são da ordem da raridade e não acontecem “a torto e a direito”, salienta Indursky (2008).

Um dizer sobre a superidentificação

Estendendo as formas de o sujeito se relacionar com a ideologia, Zizek (2017 [1993]) desenvolve a noção de superidentificação. O autor apresenta duas formas de compreendê-la: superidentificação clínica e superidentificação resistente. A primeira tem a ver com a relação que o analisando pode estabelecer com o analista quando aquele “supõe” demais o/no analista (sujeito suposto saber). A segunda forma de compreensão dá-se por meio de

uma conformação excessiva com o discurso do outro, levando aos limites da paródia. Esta última acepção é a que nos interessa para o momento. Significa resistir não pela plena desidentificação, mas pelo excesso de identificação, ou superidentificação (*overidentification*): o incomodo pelo excesso, o grotesco que lança luz sobre aquilo que é também grotesco, perturbando a eficácia da ideologia.

Um exemplo é levantado por Zizek (2017) ao analisar o caso de *Laibach*, uma banda eslovena de música industrial-marcial. Comentando acerca da subversão das letras e ritmos das músicas, o filósofo afirma que *Laibach* leva a ironia a um nível além, em que fica difícil reconhecer se se trata de fato de ironia ou de real adesão a discursos fascistas. É precisamente esse desconforto gerado pela superidentificação que pode suspender o funcionamento normal(izado) da ideologia. Nas palavras do autor, a superidentificação solapa o desejo do Outro,

[E] isso ‘frustra’ o sistema (a ideologia dominante) precisamente porque não se trata de imitação irônica, mas de superidentificação a ele – dando visibilidade ao superego obscuro no interior do sistema, a superidentificação suspende sua eficiência. (ZIZEK, 2017, n.p., tradução nossa²).

Em *Como ler Lacan*, Zizek (2010) lança mão de outros exemplos do funcionamento explosivo da superidentificação, cujo modo de funcionamento é um incômodo excessivo que põe a nu a ordem ideológica. Um desses casos comentados pelo autor é o do filme *Apocalypse Now*, de Francis Coppola. No filme, o personagem Kurtz é um soldado que decide agir por conta própria durante a guerra do Vietnã, descumprindo as ordens de seus superiores e liderando um grupo sob seu comando, pelo qual é admirado como uma figura heroica, quase divina. Na leitura de Zizek (2010, p. 110-111), “Kurtz era um soldado perfeito e como tal, através de sua superidentificação com o sistema de poder militar, transformou-se no excesso que o sistema tem de eliminar. O ‘insight’ fundamental de *Apocalypse Now* é que *o poder gera seu próprio excesso*” (grifo nosso). A produção do excesso de poder pelo próprio poder é o que oferece condições para que a superidentificação seja efetiva. Como resultado, o “preço que pagamos por isso é que a

² No original, em inglês: “it ‘frustrates’ the system (the ruling ideology) precisely insofar as it is not its ironic imitation, but overidentification with it – by bringing to light the obscene superego underside of the system, overidentification suspends its efficiency” (ZIZEK, 1993, n. p.).

Ordem que assim sobrevive é uma zombaria de si mesma, um fac-símile blasfemo da Ordem” (ZIZEK, 2010, p. 109).

A superidentificação, afirma Bryar (2018), aponta para o fato de que o poder é incompleto e, embora “goze”, nunca se realiza inteiramente. O sujeito deve identificar-se ao poder, mas não de modo total, pois isso arriscaria tornar o poder impotente, visto que não haveria mais nada para ele “dominar”. O autor faz uma interessante observação, ao dizer que “resistir” moderadamente ao poder é justamente o que ele quer, porque isso nos afasta dele (afasta-nos de seu controle, mas também de atingi-lo) e impede uma mudança efetiva na ordem das coisas. O impasse que se manifesta é o de lutar pela transgressão sem deixar de *desejá-la*, isto é, agir reconhecendo a necessidade de inscrição subjetiva. Contudo, a superidentificação não resolve o impasse. Configura-se, na verdade, como um passo em direção à transformação, uma primeira negação às coordenadas da ordem político-simbólica. Para nós, isso tem a ver com a apropriação dos saberes teórico-políticos pela via da desidentificação, como indica Pêcheux (1995), sendo a superidentificação um caminho para a realização da desidentificação e do rompimento decisivo com uma rede de sentidos.

Para fazer uso de termos discursivos, diremos que a superidentificação trabalha na desconstrução da formação discursiva dominante, como fenômeno de extrapolação ideológica. Enquanto a ideologia segue produzindo evidências (o normal), seu funcionamento permanece encoberto. Por outro lado, a exacerbação do fazer ideológico expõe os limites de sua determinação. Nesse sentido, a superidentificação é também, como a desidentificação, uma forma de deslocamento dos sentidos, o qual “faz sobressair sua ridícula disparidade” e, conseqüentemente, “solapar o domínio que uma fantasia exerce sobre nós” (ZIZEK, 2010, p. 72), abraçando-a e, simultaneamente, tornando visível sua contradição. Superidentificar-se ao poder serve, portanto, para mostrar a incompletude que o constitui e a qual ele dissimula.

Curtidas e comentários no *Facebook*: sujeito e sentido no efeito-reação online

Conforme já indicamos, os efeitos-reação podem funcionar como rastros difusos da presença do sujeito pelas redes sociais digitais. Não é cabível, no entanto, ler as reações como atos a nível de intencionalidade, porque isso implicaria, (i) empiricamente, consultar as vontades de todos os usuários que reagiram a uma publicação para saber de

suas intenções, além de, (ii) teoricamente, prever um sujeito que é senhor de suas vontades e fonte dos sentidos, o que não é pertinente a uma teoria como a da AD, que considera um sujeito duplamente determinado, pela ideologia e pelo inconsciente. Assim sendo, se tomamos os efeitos-reação como vestígios das identificações do sujeito-usuário, fazemos isso tendo em vista os efeitos de sentidos dessas reações, a despeito de possíveis ou prováveis intenções.

Dando prosseguimento, entendemos que as reações se apresentam como um imperativo do “estar em rede”, o que temos denominado “injunção à reação”. Uma constante em todas as redes sociais em estudo é um espaço próprio aos ícones de curtidas, bem como um lugar definido (geralmente marginal) aos comentários. O imaginário que rege essas relações é o da “interação”. O gesto de publicar uma imagem, um vídeo, uma *hashtag* etc. estipula um tipo de intimidade e de efeito de comunicação com o outro. Nas redes sociais, um usuário “permite”, ao tornar pública uma postagem, que os outros o vejam, em uma intimidade mostrada. Nas palavras de Dias e Couto (2011, p. 637), “o que mobiliza o ingresso do sujeito nas redes sociais é a alteridade (o outro como constitutivo)”. É pela (contra/des/super) identificação a um outro, portanto, que o sujeito se subjetiva e assume uma sua posição em rede. O outro comparece como condição de formação subjetiva e também como o próprio “conteúdo” de que se constitui esse sujeito, uma vez que é sobre a postagem e/ou comentário do outro que o sujeito reagirá e, segundo acredita, interagirá.

Compreendemos que o sujeito tem de tomar uma posição, seja formulando seja replicando. Essa posição decorrente das reações é complexa e realiza-se diferentemente em cada reação. Conforme refletimos em outros trabalhos, as curtidas são mais engessadas, pois estipulam um trajeto pré-definido, roteirizado. Ainda que haja mais de uma forma de reação possível (no *Youtube*, “gostei” e “não gostei”; no *Facebook*, “like”, “amei”, “haha”, “wow”, “triste”, “grr”), reforçando diferenças, a tensão qualidade-quantidade tende para o lado da quantidade, donde ocorre a evidência das curtidas, dando ênfase às equivalências e apagando as dissimetrias. Já os comentários, por não limitar a formulação, parecem dar mais escape ao movimento da subjetividade pela escrita. Os compartilhamentos, por sua vez, atestam um tipo de identificação mostrada, seja repostando uma publicação de outro usuário, seja enviando-a para outros contatos. Em

suma, os efeitos-reação fazem parte dos modos de ser (sujeito) engendrados pela discursividade digital, a qual

não está nos objetos ou no acesso a eles ou no acesso à internet, ela é um processo histórico e ideológico de significação da nossa sociedade contemporânea, do modo como estamos nela, como praticamos os espaços, do modo como somos interpelados em sujeito pela ideologia, através das determinações históricas. (DIAS, 2011, p. 58).

De modo geral, a injunção à reação naturaliza a ideia de que é preciso reagir para existir em rede. Naturaliza também a ideia de que clicar em “gostei” significa, efetivamente, gostar do que foi clicado. Interessa-nos, de uma perspectiva discursiva, questionar essa evidência e apreender o jogo (movimento relacional) das reações, permitindo-nos explorar as brechas entre o dizer e o fazer, entre aquilo que o sujeito diz, posta, curte, comenta e compartilha com aquilo que pratica em termos de uma prática discursiva.

Antes de dar sequência, é importante salientar que o digital não pode ser tomado, no campo do discurso, como simples suporte tecnológico de ambientes online, em múltiplos aparatos de telas, teclas. Tomamos, sim, o digital em sua materialidade, isto é, como discursividade. Nesse caso, a materialidade no digital é outra. Para Dias (2016), os desdobramentos epistemológicos produzidos pelo digital no terreno da AD demandam que pensemos as especificidades dos objetos discursivos digitais, com vistas a redimensionar questões pertinentes ao próprio método e às novas práticas analíticas que se impõem, fazendo com que a teoria retorne sobre suas bases e produza noções que deem conta das particularidades de tais objetos de análise.

Em termos metodológicos, a fim de compreender o arquivo disperso na internet, precisamos dar escuta à dispersão constitutiva desse arquivo, que impõe um ritmo determinado ao trabalho de leitura. Apesar de todas essas questões que tocam a problemática do método, e que nos levam a colocar questões a propósito do arquivo digital (por exemplo: como lidar com a dispersão de textos verbais, imagéticos, institucionais ou não etc.?), entendemos que a relação com o arquivo já é determinada por uma questão de pesquisa. No que concerne aos arquivos digitais, acreditamos na contribuição de Dias (2016), a partir dos trabalhos de Marie-Anne Paveau, ao tratar do *discours numérique* (discurso digital) como um “compósito heterogêneo”, o que implica

a produção de estruturação digital do sentido, por meio de uma digitalidade: aquilo que faz circular os conhecimentos armazenados na memória da máquina.

Assumindo isso, bem como sustentando-nos na reflexão anterior a respeito dos modos de subjetivação pelo discurso (identificação, contra-identificação, desidentificação, superidentificação), tencionamos analisar um efeito-reação específico a uma postagem no *Facebook*, da página pública *Quebrando o Tabu*, em que é colocado em pauta o polêmico apelo do presidente Jair Bolsonaro para que seus apoiadores invadissem hospitais durante a pandemia de Covid-19, no ano de 2020, a fim de filmar os leitos e, supostamente, comprovar se a crise na saúde era uma situação real ou uma jogada de mídia. Essa mobilização das bases de apoio com discursos conspiratórios é frequente nas falas de Bolsonaro e engendra efeitos políticos e ideológicos sobre a empreitada do sistema de saúde no combate ao vírus. Vejamos o recorte.

Seqüência Discursiva 1 – Postagem de *Quebrando o Tabu* sobre a pandemia de Covid-19







Fonte: Facebook, 2020.

Nesse sequenciamento de capturas de tela, base material do presente gesto analítico, temos diferentes elementos materiais, como texto escrito (comentário), vídeo, link, ícones para serem clicados, emojis, ou seja, um compósito heterogêneo (DIAS, 2016a) numa relação de unidade e dispersão. Todos eles constituem a digitalidade desta unidade significativa, cuja interpretação deriva de um discurso que a sustenta, o de uma posição-sujeito crítica em relação ao governo Bolsonaro na gestão da pandemia de Covid-19, que encontra no digital outras formas de existência histórica, outras filiações, outros discursos. A produtividade do que Dias (2016) designa de digitalidade reside justamente no que diz respeito à circulação em diferentes formatos e dispositivos daquilo que está em estado digital.

Observemos, de início, que o “resultado” do efeito-reação, a partir da métrica das curtidas, tende para um balanço negativo, marcado pela reação predominante (“gr”; emoji bravo). Nesse caso específico, a reação “gr” não diz respeito à postagem em si, mas à informação veiculada, acerca da fala supracitada de Bolsonaro. É salientada uma primeira contrariedade aos sentidos (contra-identificação) não do *post*, e sim daquilo que ele veicula. Contudo, isso se dá ainda no nível da descrição. De nossa parte, fazendo valer o batimento descrição-interpretação proposto por Pêcheux (1990), salientamos que os *likes* – que se realizam de formas diversas no *Facebook* (*likes*, *amei*, *haha*...) – comungam de um efeito totalizador e equalizador dos sentidos, como se todos os sujeitos em questão estivessem “bravos” da mesma forma, objeto de estudo de um trabalho anterior.

Os comentários, por sua vez, dão a ver relações equívocas, em um constante processo de identificação/contra-identificação aos dizeres movimentados e publicados ali. Notamos os efeitos desses processos por meio das reações aos comentários, tanto em apreciações positivas quanto negativas, e também por meio das respostas (*replies*) a esses comentários. Interessa, para este momento, compreender como essas formas de discursivização da (contra)identificação se atualizam nos ícones das curtidas e nas respostas aos comentários.

Em sintonia com Dias e Couto (2011), assumimos o sujeito como um efeito da materialidade linguística inscrita na materialidade histórica: efeito do discurso. Confrontado por saberes não homogêneos, ele se aloca provisoriamente entre a contradição dos acontecimentos. Nesse cenário, as tecnologias digitais se mostram uma forma de mediação imaginária entre o sujeito e o conhecimento. Para isso, o sujeito deve submeter-se ao regime de visibilidade do ciberespaço: reagir é estar visível ao outro (e ao Outro). Em direção similar, Silveira (2015) afirma que a espetacularização do sujeito ordinário possibilita a publicização do âmbito privado, que a passa a ter um “lugar privilegiado em mídias sociais digitais como o Twitter, nas quais o sujeito ordinário pode dar uma visibilidade igualmente espetacular para suas produções” (SILVEIRA, 2015, p. 105). No caso em análise, os comentários tomam a postagem (o dizer do outro) como ponto de partida, assim como esses mesmos comentários são tornados objetos de respostas, nos *replies*.

Pelo modo com que enxergamos as redes sociais digitais, as reações corroboram com essa espetacularização do privado, de uma identidade que pode facilmente ser mostrada (afinal basta um clique) e não vivida. Porém, a identidade reside no movimento dos sentidos, na relação com a alteridade e com a diferença. É, enfim, uma questão de filiação, em uma procura constante de uma resposta para “quem sou eu?”. Uma busca interminável de um sentido para si. O *like* simboliza uma apropriação do dizer do outro para uma forma de dizer do eu. Identificação “roteirizada” e administrada pela máquina.

A identidade reside na relação com a alteridade, mas que, paradoxalmente, afasta o eu do outro. Por meio de identificações conflituosas, o sujeito é lançado à angústia de sua incompletude e insuficiência (mal-estar) a partir do contato com o excesso de gozo do Outro (ZIZEK, 2010). A fim de desviar dessa angústia, os *likes* comparecem como síntese

de um processo, um produto acabado, unitário, discreto, total. Um ponto de ancoragem para um sujeito que navega sem rumo pelas redes digitais.

Por funcionar sob o imaginário do sem limites, o digital reproduz o ideal de uma identidade sem fronteiras, capaz de (re)construir-se infinitamente. Na realidade, o que acontece é uma hipertrofia do “eu”, ou seja, não uma evasão de subjetividade, mas a constituição de um narciso como senhor de si e de seus sentidos. Uma subjetividade imaginariamente plena, preenchida, mas que está em constante atualização (repetição). A essa “repetição do mesmo”, que não permite o deslocamento, Orlandi (2005) denominará memória metálica. Com efeito, essa contradição se resume a dois lados de uma mesma moeda, de um lado na ilusão de completude e, de outro, na iminência da transformação. Imaginariamente, há descolamento. Porém, o que se passa é a repetição do Mesmo, ainda que de ângulos distintos. Esgotamento da subjetividade?

Somos sensíveis ao entendimento de Grigoletto (2006), segundo quem não é pertinente falarmos de identidade fixas, mas sim de identidades heterogêneas, fragmentadas, incompletas. Em sua empreitada de construir sua singularidade, “o sujeito é abalado, desestabilizado o tempo inteiro pelo outro” (GRIGOLETTO, 2006, p. 207), que frustra sua unidade. Segundo a autora, “essa construção é da ordem da constituição tanto do sujeito quanto do discurso e só é possível graças aos movimentos identificatórios entre o eu e o outro, resultantes de ações subjetivas inconscientes do sujeito” (GRIGOLETTO, 2006, p. 209).

Prevê-se uma subjetividade “instantânea”, contemporânea ao clique. Um atalho para a solução de uma multiplicidade de demandas. O risco é a hipertrofia da identidade: simula-se o controle sobre os sentidos e sobre si mesmo. Assumindo que gosta daquilo que “curte”, o sujeito-usuário sofre a determinação ideológica da literalidade dos sentidos, como se curtir correspondesse a gostar de fato. Esse processo de injunção à reação exige que digamos exaustivamente quem somos, do que gostamos etc., falas que projetam fantasmagorias de um ego, que se encontra aprisionado por sua própria existência narcísica. Interage com o outro, mas não reconhece sua diferença, permanecendo no nível da mesmidade.

Ao observar as práticas de identificação pelo/ao discurso digital, notamos um sujeito que repete seu “eu” imaginário, que surge a partir de uma identificação especular (imagem de

si). Ao extremo, essa auto-identificação pode ser a própria “morte do sujeito”: Narciso afoga-se no rio porque, no fascínio de si mesmo, descobre que não sabe “navegar”. Em um imperativo do “reagir, logo existir”, asreações evidenciam o caráter hiper-ativo do ciberespaço, que demanda/comanda a permanente exteriorização da subjetividade (performática). Somos sujeitos provisórios na ilusão de permanência. Uma subjetividade que se constitui pelo outro, pelo que o outro diz ao postar. Nas redes sociais, os sujeitos, em suas distintas tomadas de posição, estabelecem laços sociais equívocos uns com os outros. Tal constatação reafirma o caráter heterogêneo que fundamenta toda e qualquer tomada de posição, seja pela via da identificação, da contra-identificação, da desidentificação ou da superidentificação.

Um exemplo de tensão dos sentidos se atualizada no recorte em análise, na discussão em torno de Bolsonaro: a autoridade do presidente é ora questionada, ora reafirmada, o que mostra que não se trata apenas de um poder absoluto da ideologia dominante e de um sujeito que resiste bravamente. A injunção ideológica está dos dois lados. E ainda, quando o desejo de romper com a ordem pré-estabelecida se torna obrigação de rompimento, essa transmutação do desejo em dever indica uma intervenção do poder estabelecido. Alinhamento a um sujeito de direitos, com direitos e obrigações.

Entretanto, é impossível um assujeitamento perfeito, apontava Pêcheux (1995). Como não existe ritual sem falhas, há sempre algo que resiste à repetição e que escapa da estrutura para se fazer acontecimento. O sujeito se constitui nessa hiância que adia a realização da satisfação imaginária de seu desejo. Identificar-se não acontece por eio de “interações”, mas em “redes de memória dando lugar a filiações identificadoras”, filiações que “não são ‘máquinas de aprender’” (PÊCHEUX, 1990, p. 54).

O acesso é sobredeterminado, do lado da técnica, pelo algoritmo da rede social, que filtra, seleciona e distribui o conteúdo a ser visualizado e acessado pelo usuário. No digital, a circulação dos sentidos é determinada pelo algoritmo, o qual escolhe o que aparecerá na *timeline* do sujeito com base no chamado “histórico”, ou seja, baseado naquilo que o sujeito clica, visualiza, curte, comenta, compartilha etc. A partir das “interações” em rede, o algoritmo repete as mesmas formas de conteúdo que parecem agradar ao usuário. É um constante retorno às mesmas regiões de sentido, às mesmas bolhas.

Entretanto, assumindo que, havendo produção de sentido, há trabalho da ideologia, ainda que em meio à técnica, Ferragut (2018, p. 14) define como formação algorítmica “a falha da ideologia do algoritmo, que se quer infalível”. Funcionando pela memória digital, memória do resíduo que escapa à totalização da máquina, a formação algorítmica atesta que o sujeito, pela heterogeneidade que o constitui, produz o furo na máquina e instala a contradição. Para nossa análise, entendemos que a possibilidade de contestar os sentidos nas postagens, pela via da contra-identificação, é sinal de que há sujeito no algoritmo, inscrevendo o desejo de uma falta e, portanto, uma zona de movência para os sentidos. É pela formação algorítmica, rompendo com a repetição (o mesmo), que se abre espaço para a heterogeneidade do discurso (a diferença).

Cabe, ainda, uma observação feita por Ferragut (2018, p. 77), ao escrever que “caso a falha torne-se uma constante na ação do sujeito no digital, o algoritmo incorpora tal mudança, que passa a se tornar repetição, se inscrevendo na memória metálica e não mais na digital”. Vinculamos essa nota à necessidade de não parar na repetição do contra-discurso, que estica a rede, mas não arrebenta seus nós. É preciso caminhar rumo à desidentificação, que, para Pêcheux (1995), não é lugar de permanência, e sim de embate permanente. Permitir-se o confronto, a interlocução, a diferença parece ser um caminho possível para romper com o algoritmo e inscrever-se na formação algorítmica.

Assim, consideramos o efeito-reação parte desse funcionamento equívoco das formações algorítmicas, traços do histórico do sujeito: de um lado, retroalimentando o *feed* de informações na *timeline* do sujeito-usuário, de outro, apontando para a impossibilidade de esgotar a subjetividade num “histórico de cliques”. Ou seja, a historicidade dos sentidos e dos sujeitos não se reduz a um histórico de informações. Como traços da subjetividade, dos movimentos de (contra)identificação, curtir, comentar, compartilhar são maneiras de dar-se a ver, de tornar-se localizável, na equivocidade de um sujeito que, ao teclar-se (tecer-se) a si mesmo, acaba diluindo-se e, inversamente, mostrando-se. É a esse ponto de contradição, entre o esconder-se e o dar-se a ver, entre a liberdade e a coerção de expressão, que chamamos “efeito-reação”.

Tais efeitos criam a impressão de um sujeito coerente, uno a si mesmo, fixando uma posição para o “eu”. Acreditando-se dono de seu dizer e controlador dos sentidos que supostamente cria, o sujeito esquece que é assujeitado por esses mesmos sentidos; que é,

em contra partida, significado por eles. O sujeito é identificado por sua foto e nome de perfil, mas também por aquilo a que reage. Eis um novo paradigma para o sujeito, atravessado pelo paradigma informacional, em que o corpo comparece como extensão da máquina, na compreensão de Dias (2013, p. 55), para quem “o discurso sobre as tecnologias digitais individua o sujeito”. A reação trabalha em favor de um efeito de unidade para esse sujeito fragmentado em posições móveis e dispersas, visto que, após curtir algo, já segue adiante para o novo “algo-a-curtir”. E o processo se repete no movimento imprevisível do discurso, reiterando que a identificação não é um produto acabado, mas em constante reformulação.

Não observamos, na sequência analisada, a discursivização da desidentificação nem da superidentificação. Os sentidos se deslocam em zonas delimitadas (contra-identificação). Fica a questão, então: até que ponto as reações permitem a movimentação dos sentidos e a transformação da ideologia dominante? Como na indicação de Žižek (2010), a superidentificação é uma ameaça porque leva o poder a sério, mais a sério do que ele mesmo o faz. Há possibilidade de superidentificar-se ao reagir e produzir, com isso, desestabilização? É possível desidentificar-se a uma formação discursiva rumo a outra pela via das reações online? Entendemos que as reações funcionam sob um imaginário de interação que nem sempre se efetiva. As posições são acirradas: há muitos comentários e respostas, mas não parece haver interlocução. Não deixamos de pensar, porém, com Dias (2018, p. 104), que é possível realizarmos novas formas de movimentação social a partir do digital, visto ocorrer “uma transformação da forma de manifestação política, que se constrói ao lado e independentemente de uma organização centralizada e institucionalizada dos movimentos sociais, que passa pelo uso das tecnologias digitais de linguagem”. Para nós, uma das maneiras de realizar essas transformações políticas pelo digital é insistir na interlocução, nos sentidos que produzem interferências uns sobre os outros, considerando a inscrição da formação algorítmica que subscreve a falha, o deslize e a polissemia no ritual técnico das redes digitais.

(In)Conclusões de um trajeto

Ao propor uma interlocução entre AD e Psicanálise, buscamos explorar a noção de identificação – como um processo imaginário de unificação e identidade – ressignificada nos estudos discursivos pela ideologia, que funciona justamente como elemento

constituente da produção de sentidos evidentes aos sujeitos, em determinadas condições sócio-históricas. Assumindo, com Lacan (2003), que a identificação só se estabelece a partir da alteridade, podemos recuperar Pêcheux (1995), que aponta para o funcionamento do interdiscurso enquanto essa presença de um discurso-outro que irrompe em todo dizer, mobilizando saberes anteriores com os quais o sujeito, em seu discurso, deverá identificar-se, reproduzindo-os ou transformando-os.

Pela leitura de Pêcheux (1995) acerca da identificação (adesão à FD), podemos pensar também a respeito dos movimentos de contra-identificação (incômodo na FD) e desidentificação (ruptura com a FD), bem como considerar a noção de superidentificação definida por Žižek (2017), enquanto margem de exploração do excesso de gozo do Outro, assumindo que o poder gera seu próprio excedente.

Ao focar essas diferentes modalidades subjetivas, sob distintas relações com a ideologia e com os saberes das FDs, na discursividade das reações *online*, as formas de identificação e contra-identificação se despontam com mais visibilidade, particularmente nos comentários no *Facebook* em torno de política, em que ocorre a exacerbação de antagonismos, donde concluímos que o efeito-reação nas redes digitais propicia aos sujeitos um movimento identificatório complexo, identificação especular entre ver e ser visto. Já os movimentos de desidentificação e superidentificação, no *corpus* construído, não produziram sentidos imediatos, o que pode indicar que a movência da significação no digital é de uma polissemia controlada. Em trabalhos futuros, buscaremos expandir essas análises em *corpora* diversificados a fim de observar esses movimentos identificatórios com maior amplitude.

REFERÊNCIAS

BECK, M.; ESTEVES, P. M. S. O sujeito e seus modos: identificação, contraidentificação, desidentificação, superidentificação. *Leitura*, Maceió, n. 50, p. 135-162, 2012.

BRYAR, T. A return to a politics of over-identification? *International Journal of Zizek Studies*, v. 12, n. 2, p. 1-12, 2018.

DIAS, C. Cidade, cultura e corpo: a velocidade do mundo. *Escritos*, n. 10. Campinas: Labeurb/Nudecri/Unicamp, 2011. Disponível em: <https://www.labeurb.unicamp.br/portal/pages/pdf/escritos/Escritos10.pdf>. Acesso em: 01 jul. 2020.

DIAS, C. Sujeito digital: sentidos de um novo paradigma. In: GUIMARÃES, E. (org.). *Cidade, Linguagem e Tecnologia: 20 anos de história*. Campinas: LABEURB, 2013, p. 51-60.

DIAS, C. A análise do discurso digital: um campo de questões. *Redisco*, Vitória da Conquista, v. 10, n. 2, p. 8-20, 2016.

DIAS, C. *Análise do discurso digital: sujeito, espaço, memória e arquivo*. Campinas: Pontes, 2018.

DIAS, C.; COUTO, O. F. As redes sociais na divulgação e formação do sujeito do conhecimento: compartilhamento e produção através da circulação de ideias. *Linguagem em (dis)curso*, v. 11, n. 3, p. 631-648, 2011.

FERRAGUT, G. *Sentidos em circulação pelo digital: Justiça e Polícia e seus efeitos na sociedade*. 2018. Dissertação (Mestrado em Divulgação Científica e Cultural). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2018.

GRIGOLETTO, E. A construção da identidade na escrita de si: do ambiente universitário à internet. *Revista Desenredo*, v. 2, n. 2, p. 203-223, 2006.

INDURSKY, F. Unicidade, desdobramento, fragmentação: a trajetória da noção de sujeito em Análise do Discurso. In: MITTMAN, S.; GRIGOLETTO, E.; CAZARIN, E. A. (org.). *Práticas discursivas e identitárias: sujeito e língua*. Porto Alegre: Nova Prova, 2008. p. 9-33.

LACAN, J. O estádio do espelho como formador da função do Eu. In: ZIZEK, S (org.). *Um mapa da ideologia*. Trad. de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996, p. 97-103.

LACAN, J. *O Seminário, livro 9 (1961-1962): a identificação*. Trad. de Ivan Corrêa e Marcos Bagno. Recife: Centro de Estudos Freudianos do Recife, 2003.

ORLANDI, E. P. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 1999.

ORLANDI, E. P. *Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos*. Campinas: Pontes, 2005.

PÊCHEUX, M. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Campinas: Pontes: 1990.

PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas: Editora da Unicamp, 1995.

PÊCHEUX, M. Análise Automática do Discurso (AAD-69). In: GADET, F.; HAK, T. (Orgs.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997, p. 61-161.

PEQUENO, V. *Nos subsolos de uma rede: sobre o ideológico no âmago do técnico*. 2014. Dissertação (Mestrado em Divulgação Científica e Cultural). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2014.

SILVEIRA, J. *Rumor(es) e humor(es) na circulação de hashtags do discurso político ordinário no Twitter*. 2015. Tese (Doutorado em Letras). Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2015.

ZIZEK, S. *Como ler Lacan*. Trad. de Maria Luiza de Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

ZIZEK, S. Why are Laibach and NSK not fascists? *ASYMMETPIA*, 2017 [1993]. Disponível em: <https://determinium.wordpress.com/2017/08/20/why-are-laibach-and-nsk-not-fascists-by-slavoj-zizek-1993/>. Acesso em: 22 jun. 2020.

NOTAS DE AUTORIA

Gustavo Haiden Lacerda (gustavo.haiden@gmail.com) - Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual de Maringá (UEM). Possui graduação em Letras (UEM) e desenvolve pesquisa em Estudos da Linguagem, com aporte teórico da Análise do Discurso de linha francesa, analisando principalmente materialidades digitais, como memes, fake news e manifestações fúnebres em redes sociais, e investindo em algumas noções do quadro teórico da AD, tais como subjetivação, identificação, memória, resistência e equívoco. É membro do grupo de pesquisa GPDISCMIÁDIA (Discursividades, Cultura, Mídia e Arte). Palavras-chave: Análise de Discurso; Psicanálise; Morte; Luto; Espaço Digital; Memória.

Luciana Cristina Ferreira Dias Di Raimo (lcfdraimo@uem.br) - Possui graduação em Letras pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (1998), UNESP-ASSIS, mestrado em Letras (Filologia e Linguística Portuguesa) pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2001), UNESP-ASSIS e doutorado em Linguística Aplicada (área: Ensino-aprendizagem de língua materna) pela UNICAMP. Tem experiência na área de Linguística Aplicada, com ênfase na Análise do Discurso de tradição francesa, atuando principalmente nos seguintes temas: leitura, memória discursiva, identidade, brasilidade e ensino de língua materna. Com doutorado em Linguística Aplicada pela

Unicamp, as pesquisas desenvolvidas e por ela orientadas giram em torno de propostas e implementações de práticas de leitura e escrita em um viés discursivo com base em materialidades diversas. Além disso, tem se dedicado a publicar trabalhos sobre propostas e intervenções em sala de aula cujo propósito é o de fomentar a autoria nas práticas em sala de aula e possibilitar que os sujeitos-leitores produzam outros gestos de leitura além de um sentido autorizado. A professora está lotada no Departamento de Língua Portuguesa da UEM-Universidade Estadual de Maringá e atua nas disciplinas de Oficina de leitura e produção de textos e Estágio II e atualmente é coordenadora do Profletras (Mestrado Profissional em Letras), unidade Universidade Estadual de Maringá.

Como citar este artigo de acordo com as normas da revista?

LACERDA, Gustavo Haiden; DI RAIMO, Luciana Cristina Ferreira Dias. Processos de (super/des/contra-) identificação online e produção de subjetividade no efeito-reação em redes sociais. *Texto Digital*, Florianópolis, v. 18, n. 1, p. 115-139, 2022.

Contribuição de autoria

Gustavo Haiden Lacerda: concepção e elaboração do manuscrito; análise de dados; discussão dos resultados; revisão e aprovação.

Luciana Cristina Ferreira Dias Di Raimo: concepção e elaboração do manuscrito; análise de dados; discussão dos resultados; revisão e aprovação.

Financiamento

Não se aplica.

Consentimento de uso de imagem

Sequência Discursiva 1 – Postagem de Quebrando o Tabu sobre a pandemia de Covid-19. Fonte: Facebook, 2020.

Aprovação de comitê de ética em pesquisa

Não se aplica.

Licença de uso

Este artigo está licenciado sob a Licença Creative Commons CC-BY. Com essa licença você pode compartilhar, adaptar, criar para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra.

Histórico

Recebido em: 04/08/2021

Aprovado em: 16/02/2022